

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

CLARA ISABELLA FONSECA LEMOS

LAURA THAYNÁ SOUZA VIANA

**O ICSA CONTADO POR CRÔNICAS:
cotidianos construídos em seu espaço**

Mariana- MG

2019

CLARA ISABELLA FONSECA LEMOS

LAURA THAYNÁ SOUZA VIANA

**O ICSA CONTADO POR CRÔNICAS:
cotidianos construídos em seu espaço**

Memorial de produto jornalístico
apresentado ao curso de Jornalismo da
Universidade Federal de Ouro Preto,
como requisito parcial para obtenção do
título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Marta
Maia

Mariana
2019

Catálogo na fonte elaborada pelo bibliotecário: Essevalter de Sousa - CRB6a. 1407

L557c Lemos, Clara Isabella Fonseca
O ICSA contado por crônicas [recurso eletrônico] :
cotidianos construídos em seu espaço / Clara Isabella
Fonseca Lemos, Laura Thayná Souza Viana.-Mariana,
MG, 2019.
33 f.+ 1 livro: Crônicas do Cotidiano: histórias (in)visíveis

TCC (graduação em Jornalismo) - Universidade Federal
de Ouro Preto, Mariana, 2019

1. Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de
Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Jornalismo
- Teses. 2. Crônicas brasileiras - Teses. 3. MEM.
4. Universidades e faculdades - Teses. 5. Monografia.
I.Viana, Laura Thayná Souza. II.Maia, Marta Regina.
III.Universidade Federal de Ouro Preto - Instituto
de Ciências Sociais Aplicadas - Departamento de Jornalismo.
IV. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 378(815.1)
: 15
: 1422795

Clara Isabela Fonseca Lemos

Laura Thayná Souza Viana

Curso de Jornalismo – UFOP

**O ICSA CONTADO POR CRÔNICAS:
cotidianos construídos em seu espaço**

Trabalho apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação da Profa. Dra. Marta Regina Maia.

Banca Examinadora:

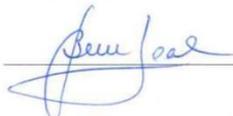
Profa. Dra.



Profa. Ms.



Prof. Dr.



Mariana, 10 de julho de 2019.

Dedicamos esse livro ao ICOSA, por tudo que aqui contamos. À UFOP e ao ensino superior público brasileiro, por nos dar à oportunidade do diploma. Ao seu José, Cíntia, Célia, Gabriel, Donadon, Padre Avelar (em memória), Rosy e aos demais personagens de nossas crônicas. Aos professores, técnicos administrativos, funcionários, alunos e ex-alunos do ICOSA, por construírem a história do Instituto até aqui.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), especialmente ao Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA), pelo privilégio de um ensino superior público de qualidade e pela oportunidade de crescimento.

Aos nossos professores do curso de jornalismo pelo empenho e compromisso com o ensino e por compartilharem seus conhecimentos. Aos funcionários do ICSA pelo carinho e cuidados.

Aos programas de Ação Afirmativa por garantirem nossa permanência na Universidade.

À nossa orientadora Marta Maia pela paciência, por acreditar no nosso potencial e por sempre nos impulsionar.

À família e aos amigos pelo apoio e incentivo durante o percurso da graduação.

RESUMO

Este memorial consiste em reflexões bibliográficas acerca da produção do livro ‘*Crônicas do Cotidiano: histórias (in)visíveis do ICOSA*’ - produto de trabalho para a conclusão de curso de bacharel em jornalismo, pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). O livro aqui apresentado é construído por meio das vivências, relatos, entrevistas e observações sobre o espaço do Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA), que, por intermédio da perspectiva das discentes Clara Lemos e Laura Viana, expressam um contexto em que o cotidiano se torna relevante. Este memorial justifica-se então na contextualização do processo de desenvolvimento da escrita híbrida e autônoma - que caracteriza a crônica, gênero que circula entre o jornalismo e literatura. Trabalhamos com os conceitos de crônica, jornalismo, educação e universidade, que contribuíram com o embasamento da produção do Projeto Experimental. Para além do referencial teórico, buscamos evidenciar, através do tópico análise de resultados e nos apêndices, como ocorreu o processo de produção e também os resultados.

Palavras Chave: Crônica; Universidade; Educação; Jornalismo; ICOSA.

ABSTRACT

This memorial consists of bibliographical reflections about the production of the book, *Chronicles of the Daily Life: (in) visible histories of the ICSA* - work product for the conclusion of a bachelor's degree in journalism, by the Federal University of Ouro Preto (UFOP). The book presented here is constructed through experiences, reports, interviews, and observations relating to the space of the Institute of Social and Applied Sciences (ICSA). Through the perspective of students, Clara Lemos and Laura Viana the context of everyday life becomes relevant. This memorial is then justified in the contextualization of the development process of hybrid and autonomous writing, which characterizes the chronicle, a genre that circulates between journalism and literature that is based on the concepts of chronicle journalism, education, and university. In addition to the theoretical reference we seek to show, the production process and results are revealed through the analysis of results and in the appendices.

Key words: Chronic; University; Education; Journalism; ICSA.

Sumário

1. Introdução	8
2. A crônica e suas possibilidades	9
3. Educação: instrumento de libertação	11
3.1 Universidade: espaço de diversidade	15
4. Reuni e ICSA	18
5. Plano de trabalho e pauta estendida	19
5.1 Estrutura do Livro de Crônicas	22
5.2 Projeto Gráfico	24
6. Análise dos resultados	25
7. Referências Bibliográficas	28
8. Apêndices	29
9. Anexos	32

1. Introdução

Ao ingressar na Universidade encontramos um ambiente que está além do simples e esperado espaço de aulas, da produção de artigos e outros trabalhos acadêmicos. O espaço dos corredores, cantina, banheiros e estacionamento, apesar de não serem utilizados com a finalidade específica de aprendizado, podem ser ambientes de construção do conhecimento, seja este social, de mundo e de outras ordens. Esses locais ligados estruturalmente à Universidade podem se tornar refúgio na distância familiar e podem propiciar a criação de fortes laços de amizade que se tornarão fundamentais no trajeto de formação profissional e pessoal dos alunos. Acontece de passarmos mais horas dentro desse espaço acadêmico do que em casa ou demais locais pelos quais apenas passamos durante o dia.

Enxergando a importância dos acontecimentos, experiências e trocas que acontecem dentro da Universidade (mais especificamente nesses locais), decidimos escrever o livro ‘Crônicas do Cotidiano: histórias (in)visíveis do ICSA’, com um conjunto de crônicas produzidas e reunidas para compor o Projeto Experimental de conclusão do curso de jornalismo, da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). O produto tem como objetivo visibilizar histórias, acontecimentos, pessoas, problemáticas, lugares e o cotidiano que atravessa e de certa forma constrói o espaço do Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA), que em agosto de 2018 completou 10 anos. Escolhemos a crônica por seu formato possibilitar o relato de eventualidades de forma poética, dando espaço para uma narrativa que realça os detalhes e particularidades de cada acontecimento.

Propomos narrar e compartilhar o cotidiano e as vivências dos frequentadores do ICSA, dar sobrevida a experiências efêmeras do dia-a-dia no lugar. O Instituto é espaço de crescimento profissional e pessoal, lugar de trabalho, de debates, conflitos e manifestações de ordem política e social. Próximo ao ano em que comemorou seus 10 anos, procuramos construir um livro que conte por meio de recortes sua trajetória até os dias atuais, focando nos acontecimentos que podem fugir da sala de aula, do burocrático e institucional. Lançamos olhares sobre as vidas que se convertem, se reformulam entre tantas mudanças e desconstruções num simples diálogo pelos seus corredores, hall e áreas comuns, lugares de encontros, trocas, conflitos e aprendizados.

Compreendemos que a atividade prática deve ter como base determinadas concepções que devem embasar nossas produções. Nesse sentido, apresentamos os conceitos sobre crônicas, educação como instrumento de libertação, Universidade como espaço de diversidade, o Reuni e o ICSA.

2. A crônica e suas possibilidades

Para trabalharmos com as crônicas, buscamos entender sua origem. Segundo Silva Júnior (2013, p.156) a crônica tem sua gênese nos jornais franceses do séc. XIX, que se desenvolveram devido à uma evolução técnica e política desse meio de comunicação, permitindo florescer uma série de possibilidades de escritas sobre a vida social. Os jornais da época possibilitaram a publicação de folhetins, contos e romances. (apud. ARNT, 2001, p. 45).

Com a inclusão de tais seções nas publicações majoritariamente informativas, “realidade” e “ficção” iniciam fecundo diálogo, capaz de, com o decorrer dos anos, modificar os modos de se contar – e recontar – a própria vida social. Afinal, dali em diante, objetividade e subjetividade, informação e opinião, descrição e ironia passariam a se relacionar, diariamente, nas mesmas páginas – se não harmônica, ao menos cordialmente. (SILVA JÚNIOR, 2013, p.156)

Relatos sobre a vida cotidiana ganham espaço nos rodapés de jornais, que possibilitam aos literatos maior remuneração. Surge assim o folhetim, que é considerado a gênese da crônica moderna. A possibilidade de relatos que mesclam realidade e ficção repercute em terras brasileiras por meio de autores como José de Alencar, que na seção “*Ao correr da pena*”, no jornal *Correio Mercantil*, faz comentários despreziosos sobre a vida em sociedade.

A “reinvenção” da crônica no Brasil passa, justamente, por certo “correr [desprezioso] da pena”, que, em gesto simples, miúdo, singelo – mas pleno de intenções –, será responsável por consolidar novos métodos de contemplação, assim como de escrita e (re)escrita do mundo, da cidade, dos desejos urbanizados. (SILVA JÚNIOR, 2013, p.157)

A crônica estabelecida aqui no Brasil não possui, portanto, equivalente lá fora. Foi ressignificada e aclimatada em terras brasileiras. Esta breve contextualização do surgimento do gênero crônica faz-se necessária, uma vez que é por meio e a partir dele que contamos as histórias do cotidiano do ICSA no livro ‘Crônicas do cotidiano: histórias (in)visíveis do ICSA.

A crônica nos possibilitou escrevermos, do nosso ponto de vista e vivências como discentes, sobre o cotidiano do Instituto que percebemos, que está para além das salas de aulas e discussões acadêmicas, mas que acontece, principalmente, em seus lugares comuns e que também constroem sua identidade. Além disso, contamos sobre pessoas e experiências, que por meio de observações e entrevistas, compartilham da criação do imaginário coletivo do Instituto. Silva Júnior (2013) cita Beltrão (1980) quando este define a crônica como “forma de expressão do jornalista-escritor para transmitir ao leitor seu juízo sobre fatos, idéias e estados psicológicos pessoais e coletivos” (SILVA JÚNIOR, 2013, p. 162 apud. BELTRÃO, 1980, p. 67). Assim, nosso objetivo foi o de aperfeiçoar nosso olhar jornalístico, conhecer e escrever sobre esse imaginário coletivo compartilhado, ainda pouco contado.

Para Lourenço Diaféria (1986), apesar da crônica assumir o tom coloquial, não significa que por meio dela não possam ser tratados assuntos considerados sérios, como economia, política, violência, entre outros. “O território da crônica não tem fronteiras.” (DIAFÉRIA, 1986, p. 20). Assim, pudemos contar também sobre problemas que acontecem dentro do ambiente que nos debruçamos, como assédio dentro da Universidade, problemas psicológicos e relacionamento abusivo.

O processo de escrita das crônicas que compõem o livro, a princípio, saiu permeado por elementos jornalísticos que estávamos acostumadas a escrever. Tivemos então que nos confrontar com os acontecimentos que queríamos relatar, mas dele tirarmos proveito e, a partir daí, ampliarmos nossa capacidade imaginativa e lançarmos mão de elementos da escrita criativa para construirmos as narrativas.

A discussão a respeito da classificação da crônica, como gênero do jornalismo opinativo, literário ou híbrido e autônomo, a faz ficar no meio do caminho entre o jornalismo e a literatura, uma vez que sua gênese é o factual, mas a percepção do autor acerca do assunto e o modo como este o apresenta construirá a crônica. A partir dela temos a possibilidade de escrevermos sobre acontecimentos de modo livre e subjetivo, como pontua Diaféria (1986):

Tudo deve se iniciar na notícia, a velha notícia de todos os dias, mas a notícia deve ser olhada de frente, de trás, pelos lados, por baixo e pelo alto. E seria bom, aos futuros cronistas, que fizessem também o raio X da notícia. E depois submetessem a notícia ao microscópio de sua sensibilidade. E a iluminassem com todas as luzes de sua experiência. Ou de sua falta de experiência. Por que

não? E depois jogassem a notícia fora, e jogassem fora tudo que sobrasse dela. E pegasse uma folha de papel e escrevessem a crônica. (DIAFÉRIA, 1986, pg. 1 e 2)

No processo de escrita, tivemos de nos confrontar, também, com os perigos do clichê e lugar comum. Como pontua Eliane Brum (2009) em *Vida Clichê*: “clichês são letra morta. Palavras que nasceram luminosas e morreram pela repetição, já que a morte de uma palavra é o seu esvaziamento de sentido” (pg. 2). Sair do lugar comum não é fácil, o processo de escrita é desafiador e por vezes exaustivo, uma vez que as palavras e expressões cotidianamente usadas e vazias de sentido são as primeiras a surgirem em nossa mente ao nos depararmos com uma folha de papel em branco a fim de contarmos uma história.

Mas para esta ser contada em sua plenitude, deve-se estar permeada pela criatividade do escritor, a fim de construir “paisagens narrativas”, como pontua Silva Júnior (2013). Por meio do jogo de encaixe de suas percepções, dos outros e do diálogo com o leitor, o cronista é capaz de fazer a montagem dessas paisagens. Buscamos, por meio das crônicas que compõem o livro, ampliarmos de forma significativa eventos, situações, conversas e observações que podem ser considerados corriqueiros, mas que dentro do espaço que tratamos, fazem-se significativos para a construção de um entendimento e percepção maior do Instituto.

3. Educação: instrumento de libertação

Além dos estudos a respeito da crônica, também buscamos compreender os sistemas que envolvem os métodos de ensinos, as bases em que a educação brasileira se estrutura e os processos de aprendizados desenvolvidos no ensino superior.

Compreendemos que assim como a língua, a educação está em constante transformação, ambas utilizadas como instrumentos estratégicos de expressão, dominação e descobrimento do ser humano enquanto indivíduo e como parte de um universo. Por meio da alfabetização, o indivíduo se sente desafiado e apto a desvelar os segredos de sua constituição e por meio de suas palavras construir o seu mundo. (FIORI, Ernani Maria, p. 6. *apud* FREIRE, Paulo, 1987).

A partir do nosso domínio da língua, no aperfeiçoamento da escrita e das

técnicas jornalística, buscamos a construção de narrativas que tornam visíveis as histórias e situações sociais que julgamos imprescindíveis na história do ICOSA. A escrita nos trouxe empoderamento para falarmos por meio de nossa subjetividade dos lugares e pessoas que constroem diariamente o Instituto.

As formas pelas quais os seres humanos propõem se comunicar, seja por meio das artes, da escrita ou da própria fala vêm da necessidade objetiva do seu espírito de se expressar. Por meio do diálogo, o confronto entre diferenças e oposições de ideias culminam na comunicação, que de acordo com Fiori (1987) é a única via de encontro para consciências que se constituem na mundanidade e na intersubjetividade.

Alfabetizar é dar consciência e autonomia a cada ser humano para que haja a concepção de uma cultura na qual seus companheiros, integrantes do mesmo círculo social, possam construir juntos um mundo que incentive o diálogo e a criticidade; e as trocas de aprendizados aconteçam de forma recíproca, sem hierarquização por grau ou classe.

Quando a identidade da educação não é libertadora, a ignorância é salientada, contribuindo com um sistema rígido em que existem apenas duas posições: a do educador enquanto conhecedor máximo, que repassa todo o conhecimento específico que detém; e dos educandos como os que nada sabem, e apenas registram de forma robótica os aprendizados repassados. Esse método de educação sistêmico divergente do libertador, ao contrário do que se acredita em razão da visão distorcida, não educa, pois nega aos discentes a oportunidade de serem criativos, agentes transformadores, e a possibilidade de inovação e reinvenção. A busca pelo conhecimento dentro desse sistema é negada, substituída no entanto, pela tendência a reprodução sistematizada. “Daí que tal forma de educação implique na superação da contradição educador- educandos, de tal maneira que se façam ambos, simultaneamente, educadores e educandos”. (FREIRE, p. 34, 1987).

O estímulo à criticidade, à abertura para recursos inusitados de aprendizagem, a possibilidade de discussão e troca equivalente de conhecimento são características da educação libertadora classificada por Paulo Freire, na obra ‘Pedagogia do oprimido’, “educação revolucionária”, que estabelece uma práxis inversa ao ensino classificada por Freire como “bancário”. Neste, não existe principalmente, preocupação por parte dos educadores em estimular o senso crítico

de seus alunos. A educação tradicional como exercida na atualidade é caracterizada por Paulo Freire como educação “bancária”, pois tem como proposta, especialmente, transferir, depositar e transmitir o conhecimento e valores. Esse método reflete a sociedade opressora, que cultua o silêncio e estimula a contradição.

São características da educação bancária segundo Paulo Freire (1987, p. 34):

- a) o educador é o que educa; os educandos, os que são educados;
- b) o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem;
- c) o educador é o que pensa; os educandos, os pensados;
- d) o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente;
- e) o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados;
- f) o educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos os que seguem a prescrição;
- g) o educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador;
- h) o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais ouvidos nesta escolha, se acomodam a ele;
- i) o educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele;
- j) o educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos.

Tal método anula não apenas a criatividade e criticidade dos educandos, mas também dos educadores, que de maneira ingênua acreditam disseminar o conhecimento. Entretanto, a educação bancária favorece apenas aos opressores, cuja preocupação não se encontra na descoberta, criação, transformação e discernimento críticos dos indivíduos, mas da continuidade de um sistema que forma seres reprodutores dos seus interesses.

A produção do livro “Crônicas do Cotidiano: histórias (in)visíveis do ICISA”, como produto final de conclusão do curso possibilita justamente o exercício dessa educação libertadora. Toda a elaboração e execução do projeto são pautados pelo conceito da liberdade das alunas pertencentes a essa universidade com o ensino que permite que a obra seja produzida em cima de suas próprias noções críticas, condições criativas e lugares de fala.

A construção de um produto jornalístico conduz ao desafio, desenvolvimento de suas capacidades e habilidades de observação e apuração, e também de produção e personalização de suas escritas.

O objeto que apresenta a universidade como elo que une seres, suas atividades e vivências, apresenta uma liberdade crítica e olhares livres ao evidenciar em seus textos problemáticas sociais, expor sensibilidades e realizar mesmo que de maneira sutil críticas aos seus métodos e formas que devem ser constantemente aperfeiçoados.

O livro, por meio de suas crônicas, sublinha no discorrer dos textos o ambiente libertador e desafiador que o ensino público dispõe. Evidencia suas ferramentas de construção de seres pensantes que são incentivados diariamente a se descobrirem, inovarem e construir novos saberes. Que conseqüentemente contribuem para profissionais não apenas aptos para execução de seus ofícios, mas também de pessoas com suas visões de mundo ampliadas e tolerantes com as múltiplas diversidades sociais.

O autor também cita o “humanitarismo” como ferramenta de manutenção dessa docência, estratégia que dissemina a falsa noção de preocupação e empatia por parte dos opressores para com as pessoas. Sendo que estes estão sempre resistindo às tentativas de reformulação na educação que busque reverter a sistemática atual, que mais limita que eleva a consciência.

Exemplo desse desdenhar encontra-se nas propostas articuladas por movimentos sociais e estudantis, que em muitos casos se encontram em constante luta por aumento e permanência de direitos, mas acabam não conseguindo por desinteresse dos políticos em atender essas demandas.

Em razão da necessidade de emancipação dos cidadãos, o autor apresenta a educação libertadora e problematizadora como alternativa para o alcance de um pensamento autêntico, revolucionário, autônomo e de fato construtor de uma cultura forjada no diálogo e igualdade, por meio da troca de conhecimentos.

No entanto, apenas por meio de uma comunicação aberta e eficiente entre educador e educandos que as estruturas educativas irão se converter, possibilitando a emancipação dos indivíduos, de acordo com o Freire (1987). A partir do momento que os educadores falarem na mesma linguagem das pessoas, as trocas acontecerão de forma fluida, pois o conteúdo programático da educação libertadora não demanda resultados, mas provocações, que iniciam o ciclo comunicacional,

proporcionando o diálogo: ferramenta fundamental para uma sociedade que busca revolução.

A nossa posição, já afirmada e que se vem afirmando em todas as páginas deste ensaio, é que seria realmente ingenuidade esperar das elites opressoras uma educação de caráter libertário. Mas, porque a revolução tem, indubitavelmente, um caráter pedagógico que não pode ser esquecido, na razão em que é libertadora ou não é revolução, a chegada ao poder é apenas um momento, por mais decisivo que seja. Enquanto processo, o “antes” da revolução está na sociedade opressora e é apenas aparente. (FREIRE, p. 76, 1987)

O ingresso de minorias nas instituições federais com o caráter de ensino libertador conduz o debate sugerido por Paulo Freire (1987), para outras camadas da sociedade -justamente por esses ingressantes não pertencerem às elites, discussões que até então não são realizadas nas salas de aulas dos demais graus de ensino como, fundamental, construir e alcançar cada vez mais mentes com noções de luta e de seu papel social, isto a partir do modelo de educação disposto na Universidade. médio e superior em institutos particulares. Desta forma, é possível

3.1 Universidade: espaço de diversidade

A elaboração e conclusão do livro “Crônicas do Cotidiano: histórias (in)visíveis do ICSA”, cumpre a obrigatoriedade prevista pelo curso como avaliação do aprendizado. Pelo produto é possível aplicar as técnicas jornalísticas, como apuração, entrevista, observação e escrita desenvolvidas ao longo dos quatro anos de graduação pelas disciplinas do curso. Para além dos métodos e recursos técnicos, o livro também evidencia um aprendizado que diz respeito à sensibilidade, ao olhar disposto, preparado e responsável para atender as demandas sociais da profissão e da sociedade.

As crônicas revelam a prática no exercício de enxergar sempre além, pelas múltiplas direções e janelas que existem por trás do que poderia ser o óbvio, que seria falar do ICSA e sua importância enquanto construção e desenvolvimento de profissionais e pessoas. Ao optar por trabalhar com cotidianos, com vivências e aprendizados subjetivos exemplificamos e justificamos as bases do ensino superior que exige mais do que a compreensão e prática teórica do curso, mas do seu exercício humanizado, inovador e desafiador.

O Ministério da educação (MEC), por meio do Decreto nº 5.773/06 determina

que as Universidades brasileiras disponham do ensino, pesquisa e extensão em seus pilares para permanecerem operantes. Iluminados pelo conceito ideal de educação libertadora e revolucionária referida acima por Paulo Freire, é possível vislumbrar semelhanças na maneira como a educação federal é disseminada atualmente. Apesar de ainda não alcançar com perfeição a metodologia desenvolvida por Freire, se traçarmos o percurso que a educação superior brasileira percorreu para que alcançasse a abrangência de cursos e cumprisse com as diretrizes governamentais previstas a partir de 1996, será perceptível a evolução quanto a pluralidade de erudições e as possibilidades profissionais após a conclusão da graduação, que direcionam tanto para o mercado quanto para a academia, estimulando na teoria o conhecimento da mesma forma para ambas.

De acordo com Dermeval Saviani (2010), se esboçarmos uma visão de conjunto, será possível indicar o surgimento das primeiras faculdades a partir de 1808, no reinado de D. João VI, no primeiro quartel do século XX. De início foram instaurados nove cursos, sem qualquer vínculo entre si, de maneira dispersa e sem as diretrizes do que é universidade como temos estipulado atualmente. De maneira respectiva foram criados os cursos de Engenharia da Academia Real da Marinha (1808), Academia Real Militar (1810), Curso de Cirurgia da Bahia (1808), Cirurgia e Anatomia do Rio de Janeiro (1808), de Medicina (1809), Economia (1808), Agricultura (1812), Química - química industrial, geologia e mineralogia (1817), e o curso de Desenho técnico (1818).

Nota-se que as primeiras formações tendiam para as áreas biológicas e urbano-industrial, além disso o acesso ao ensino superior era restrito às elites. A partir da década de 60, no auge dos movimentos sociais e artísticos de cunho político como, tropicália e o movimento contracultura, a União Nacional do Estudantes (UNE), criada em 1930, de fato liderou a luta por uma reforma universitária, na qual exigia-se dentro da ideologia desenvolvimentista o protagonismo do Estado, que por meio de políticas públicas intervêm socialmente, devendo contornar os obstáculos estruturais e criar estatutos reguladores. Nesse contexto, a Universidade passou a se configurar como o espaço que ocupa até hoje, de luta, desconstrução e formação de cidadãos politizados e conscientes.

Apenas alguns anos depois, as reivindicações feitas pelos movimentos estudantis relativas ao ensino superior foram atendidas e ganharam espaço na constituição de 1988. São elas: gratuidade nos estabelecimentos oficiais, o ingresso

de professores por concurso público e o regime jurídico único, autonomia universitária e a indissociabilidade entre ensino pesquisa e extensão. A partir daí, as lutas que precederam por meio da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), e de seu corpo docente foi de reivindicação pela expansão de vagas nas universidades públicas e dotação orçamentária que garantisse o direito de autonomia, assegurado pela constituição.

A partir dos movimentos de cunho ideológico sociais e políticos que reivindicavam uma presença mais eficaz do Estado, resultando nas conquistas descritas acima, são realizadas reformulações no movimento ocasionando no surgimento da nova fase do desenvolvimento, que se demonstra mais interessado pela ascensão social e econômica, dentre outros interesses políticos que promovam uma transformação estrutural influenciando diretamente no contexto social.

A partir dos anos 2000, políticas sociais contribuíram com a expansão tanto das Instituições particulares, quanto das federais e estaduais. Nos governos Lula (2003) e Dilma Rousseff (2011), esse crescimento se intensificou por meio de programas e do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), lançado em 2007, que estipulava metas com o prazo de quinze anos para cumprimento. “Ao longo do governo Lula, [...] se retomou certo nível de investimento nas universidades federais promovendo a expansão de vagas [...]”. (SAVIANI, 2010).

Em concordância, MARQUES, A.C.H; CEPÊDA e Vera Alves (2012), argumentam que a expansão das universidades públicas diminuiu assimetrias e aumentou a inclusão, absorvendo o desigual. Tais transformações, reconfiguram o cenário não apenas social, mas também acadêmico.

O acesso por todas as classes - favorecidos por meio de políticas sociais, ao ensino superior, como ilustrado acima, é extrema importância para a construção de uma sociedade mais crítica. Além da mobilidade social por meio da conquista do diploma, os indivíduos promovem a transformação cultural do espaço. Por meio de discussões, o conhecimento é disseminado por todos que o acessam, fomentando o diálogo e senso crítico a respeito das temáticas sociais.

Contudo, ainda são necessários engajamentos para que as discussões não se limitem aos muros acadêmicos. É necessário que a Universidade também alcance, por meio do diálogo, aqueles que não optaram pela especialização universitária. É papel do ensino público conduzir e proporcionar a todas as esferas sociais as problematizações que circundam e preocupam a sociedade, pois independente do

nível de educação tais discussões desrespeitam a todos os cidadãos.

Ainda de acordo com os autores, as transformações sugeridas acima, propiciam um ambiente estimulante e propício aos desenvolvimentos culturais e intelectuais dos trabalhadores, funcionando como espaço de trocas entre eles e os alunos universitários, tais relações contribuem com construção intrínseca entre trabalho intelectual e o trabalho material.

A Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), tem como objetivo ampliar o acesso e permanência na educação superior. O projeto teve início em 2002, no governo Lula, tendo Fernando Haddad como Ministro da Educação. As ações do programa incluíam aumento de vagas nos cursos de graduação, oferta de cursos noturnos, promoção de estratégias pedagógicas de combate à evasão, e outras metas com objetivo de diminuir a desigualdade social no País.

Por meio do Reuni, houve a interiorização dos campi das Universidades Federais, o número dos municípios atendidos pelas Universidades Federais passou de 114 em 2003 para 237 até o final de 2011. Foram criadas 14 novas Universidades e 100 novos campi, com aumento exponencial ao número de vagas e acesso ao ensino superior gratuito e de qualidade. (disponível em: <http://reuni.mec.gov.br/expansao> . Acesso em: 21/11/18.)

Ao longo do governo Lula, se por um lado se retomou certo nível de investimento nas universidades federais promovendo a expansão de vagas, a criação de novas instituições e a abertura de novos campi no âmbito do Programa “REUNI”, por outro lado deu-se continuidade ao estímulo à iniciativa privada que acelerou o processo de expansão de vagas e de instituições recebendo alento adicional com o Programa “Universidade para todos”, o PROUNI, um programa destinado à compra de vagas em instituições superiores privadas, o que veio a calhar diante do problema de vagas ociosas enfrentado por várias dessas instituições”. (p. 11)

Programas de acesso ao ensino superior como Prouni e FIES também democratizaram o acesso às universidades particulares. Por outro lado, segundo Saviani, provém das universidades públicas 90% da ciência produzida no Brasil, o que faz com que o ensino público superior possua qualidade maior que as instituições particulares.

A Lei Federal de Cotas, sancionada em agosto de 2012 mudou “a cara” das universidades públicas, pois permitiu maior diversificação na entrada de alunos nas

universidades. A lei previa que 50 por cento das vagas ofertadas por universidades públicas fossem destinadas a cotas sociais e raciais. Permitiu-se então que pessoas oriundas de escola pública, de baixa renda, negras e indígenas tivessem oportunidade de ingressar no ensino superior.

Desde 2013¹, quando a lei entrou em prática, o número de alunos cotistas nas universidades públicas saltou de 50.146 para 127.282, apresentando crescimento de 154 %.

4. Reuni e ICOSA

O Programa de Apoio à Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), proporcionou a efetivação dos quatro cursos que compõem o Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA) em Mariana. Em agosto de 2008, a cidade interiorana recebeu os ingressantes dos dois primeiros cursos: jornalismo e economia, no horário noturno. Em 2009, chegaram os discentes de administração e serviço social. Por conseguinte, o Instituto passou a oferecer aulas nos dois turnos, para todos os cursos. Ao final do segundo período de 2009, os cursos obtiveram entrada de 50 alunos a cada semestre.

Além dos cursos de graduação, o Instituto abriu portas para os programas de pós graduação em comunicação - PPGCOM, e para a área de economia aplicada - PPEA. De 2016 a 2019, cerca de 90 pesquisadores passaram pelo mestrado no ICOSA. Os programas recebem estrangeiros que além de contribuírem de forma significativa com a produção e avanços nas pesquisas de suas áreas específicas, também somam com a diversificação social e cultural do Instituto. Dentre as atividades do mestrado, são organizados debates, mesas e seminários com extrema relevância na desconstrução e construção de conhecimentos, além de ampliarem para os alunos da graduação os olhares a respeito de suas oportunidades dentro da profissão.

Atualmente cerca de mil e seiscentas pessoas frequentam diariamente o ICOSA. Cerca de 63 funcionários como porteiros, eletricitas, faxineiros, dentre

¹ Dados encontrados na plataforma do G1, com acesso no dia 21/11/18, disponível em: <https://g1.globo.com/bahia/noticia/sancionada-ha-cinco-anos-lei-federal-de-cotas-muda-a-cara-do-ensino-superior-era-muito-limitado.ghtml>.

outros; 79 docentes e 21 servidores responsáveis pelo Restaurante Universitário situado no local.

A instauração do polo acadêmico na cidade proporcionou o ingresso, principalmente, de jovens oriundos de políticas de ações afirmativas - estratégias políticas que buscam oferecer igualdade de oportunidade a todos. As vagas noturnas também incentivaram o aumento de alunos da região, que obtiveram a oportunidade de conciliar o trabalho com os estudos.

A permanência dos alunos do ICSA também proporciona um ganho econômico significativo para a cidade de Mariana. Em razão dos estudos, os alunos na grande maioria se mudam para a região, investindo no mercado imobiliário e nos demais setores como alimentação, lazer e recreação.

De acordo a pesquisa realizada pelos alunos do Programa de Educação Tutorial - Conexão de Saberes (PET), de 2012 a 2016 o corpo estudantil estimulou em R\$55.379.520,00 a economia local, esses números correspondem apenas aos alunos diplomados, sem mensurar os que ainda estão na graduação.

Outro ganho significativo para a região se dá por meio das atividades de extensão desenvolvidas pelos alunos em conjunto com a comunidade local. Cada curso desenvolve dentro de sua área oficinas, dinâmicas e demais trabalhos que contribuem com melhorias diretas ou indiretas para a cidade.

5. Plano de trabalho e pauta estendida

O livro “O ICSA contado por crônicas: cotidianos construídos em seu espaço” tem por objetivo contar situações e vivências que atravessam e constroem o espaço do Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA). Lugar de aprendizado científico, crescimento profissional, pessoal e lugar de trabalho; mas também de encontros, conquistas, apertos, desesperos, amizades, pessoas e conflitos de diversas ordens.

Escolhemos o gênero crônica para narrar o cotidiano do Instituto pois, por meio dela, foi possível tecer comentários e interpretações sobre eventos corriqueiros e fazer com que um acontecimento aparentemente insignificante ganhe espaço dando sobrevida à sua efemeridade. O objetivo é tentar conduzir o olhar do leitor para outras perspectivas de realidades que se envolvem de forma

simultânea tendo o ICSA como pano de fundo. Essa escrita é possível por meio da crônica que expressa essa “característica de uma conversa descompromissada, assumindo gostosamente o tom coloquial”. (DIAFÉRIA, 1986, pg. 3).

Buscamos, por meio da concepção de recortes, paisagens e narrativas, conduzir o olhar dos leitores, estudantes, funcionários, professores e visitantes do ICSA para os espaços comuns do Instituto, que não são necessariamente as salas de aula. Com os exemplares do livro que estarão disponíveis na biblioteca do Instituto, desejamos que a leitura construa um olhar mais atento e sensível para as particularidades de cada aprendizado, descobertas e dramas que se desenrolam dentro do ICSA. Pretendemos também, com o livro, contribuirmos para a construção do imaginário coletivo do Instituto, por ocasião de seus 10 anos, completados em 2018.

O dia a dia no ICSA é marcado por roda de conversas, manifestações e protestos de ordem política, correria, aulas, filas na cantina, no xerox e no Restaurante Universitário, trabalhos de funcionários que cuidam da manutenção do local, professores lecionando e pesquisando, formação educacional, cidadã e conflitos de diversas ordens. Todas essas atividades estão interligadas, e buscamos com as crônicas evidenciarmos a significância de todos esses atos, por meio da escrita precisa e criativa, tornaremos essas histórias perceptíveis e de amplos sentidos.

O cotidiano de cada aluno, funcionário e professor e suas relações como o Instituto são pano de fundo para a produção das crônicas, por meio da “recriação do real.” Mostramos que o Instituto é mais que um lugar onde são ministradas aulas para formação de profissionais. É também lugar de pesquisa, formação de conhecimento, aprendizados de ordem política e cidadã, é lugar de trabalho, amizades, amores, vitórias, derrotas e conflitos.

Produzimos o livro composto por 22 crônicas de diferentes temáticas sobre o ICSA, com o intuito de apresentar os acontecimentos corriqueiros e importantes que constroem o espaço do Instituto e que influencia na formação pessoal de cada pessoa que está presente ou já passou por lá. As crônicas foram escritas de forma sensível e autoral, colocamos nelas nossos pontos de vista, a partir de vivências nossas e compartilhadas por outros. O processo de escrita das crônicas está relatado na última crônica produzida para o livro, por isso achamos mais adequado

disponibilizar no Apêndice desse Memorial esse texto, lugar onde explicitamos, de maneira detalhada, o trajeto percorrido nos últimos meses.

A metodologia utilizada para a escrita das crônicas, além da observação e vivências individuais das autoras, se deu por meio de entrevistas com as fontes personagens das crônicas. Indicamos, a seguir, as principais fontes/personagens de nosso livro:

Cíntia Soares

Estudante do segundo período de jornalismo, Cíntia é portadora de paralisia cerebral, descobriu no ICSA um espaço de acolhimento e aprendizado, e apesar das dificuldades, encontra na Universidade um ambiente propício para tornar-se uma jornalista completa.

Célia Soares

Mãe de Cíntia, Célia veio com a filha para Mariana a fim de cuidar dela e se assegurar de que seus anos de Universidade sejam propícios para sua formação profissional.

José Benedito Donadon Leal

Atual diretor do ICSA, Donadon ajudou a fundar o Instituto e tem com ele uma relação intrínseca. Já foi também professor do curso de Jornalismo.

Gabriel Combê

Formado em jornalismo pela UFOP, Gabriel descobriu no Instituto um lugar propício para descobrir e assumir sua identidade de gênero.

Padre Avelar (em memória)

Padre fundador e professor do antigo Colégio Padre Avelar, se dedicou à educação e contribuiu para o ensino público de qualidade na cidade de Mariana. Com olhar visionário, almejava que o espaço da escola se tornasse uma faculdade, que hoje é o ICSA.

Rosy

Coordenadora do Restaurante Universitário do ICSA, Rosy preza pela qualidade dos alimentos servidos e relação com os estudantes e demais frequentadores do R.U.

José Egídio da Fonseca

Seu José é agricultor e vende seus produtos cultivados por ele e sua família toda quarta feira de manhã no ICSA.

5.1 Estrutura do Livro de Crônicas

Tratamos o espaço da universidade pública, especificamente o Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA), por meio de nossas experiências e observações, dos relatos de pessoas que habitam e habitaram o local e pesquisas a respeito do Instituto.

Em todas as crônicas, o ICSA foi pano de fundo. Em alguns textos foi apresentado como o espaço que possibilitou vivências, descobertas e aprendizados; em outros, como personagem principal. Foram trabalhadas narrativas mescladas, atendendo à necessidade de cada crônica, algumas em primeira e outras em terceira pessoa, respeitando e exercendo a liberdade que o gênero crônica permite.

As crônicas foram escritas com informações técnicas de apuração, observação e entrevistas com fontes primárias e secundárias, e por meio da escrita criativa, construímos o foco necessário que unisse o tema com o Instituto. Os textos que apresentam dados foram conseguidos por meio de entrevistas gravadas, anotadas em blocos de notas ou buscas em acervos.

Os textos em que alguns personagens ganham o foco foram trabalhados com sensibilidade, respeitando os interesses, subjetividades e vivências de cada personagem, que de maneira ciente, contribuíram com a construção do livro.

Escolhemos como temas das crônicas aqueles que julgamos, junto com nossa orientadora Marta Maia, imprescindíveis para a interpretação do ensino superior como proposto no referencial teórico. Optamos que a ordem dos textos no livro

fosse a mesma da criação, para evidenciar o amadurecimento tanto da escrita quanto dos olhares a respeito dos temas.

Elementos externos

O livro teve seu acabamento de forma artesanal, contendo marcador, capa, sobrecapa e lombada costurados ao miolo em material de tecido, couro e cetim. As páginas do livro foram impressas em tamanho A4, folha reciclato, preto e branco.

Elementos pré-textuais

- Falsa folha de rosto e verso da falsa folha de rosto;
- Folha de rosto, verso da folha de rosto;
- Ficha catalográfica;
- Agradecimentos;
- Dedicatória;

Corpo da obra

Prefácio

Apresentação

Crônicas

- Paredes que gritam;
- Quando nos demos conta, já não éramos quem costumávamos ser;
- Espaço ressignificado;
- Aprendendo com quem nada sabe;
- Dias que prefiro esquecer;
- Um café, por favor!;

- Afeto em forma de papel;
- Memórias de um fundador;
- Ocupação silenciosa;
- Quarta de manhã;
- Se unidas, quem será contra nós?
- Lugar no mundo;
- Dona de mim;
- Bandeirão;
- Percursos;
- Donadon e ICSA: uma relação simbiótica;
- Não tire o batom vermelho;
- Consciência preta;
- Nós por nós;
- Uma jornalista completa;
- Sonho: quanto custa realizar?
- Nos tornamos protagonistas.

5.2 Projeto Gráfico

O projeto gráfico foi realizado com colaboração e influência gráfica do livro ‘*O olho da rua*’ da jornalista e escritora Eliane Brum. Alinhar a diagramação com a inexperiência das escritoras, mais a disponibilidade da colaboradora, as dificuldades e atrasos da gráfica para impressão, e os prazos da banca envolveu complicações.

Como estratégia de barateamento da obra, as cores selecionadas foram o preto e branco, dando ênfase no tonalidade preta para demarcar início de cada crônica.

Na proposta optamos por trabalhar com fotografias que apresentam um sentido a priori ao leitor do que poderia ser apresentado em cada crônica. Na

diagramação, um texto sempre vem acompanhado de uma ilustração, também em preto e branco que marca o início de um novo assunto.

A capa foi costurada no papel A5, em tecido vinho que remete a tintura utilizada nos pavimentos do ICSA, proporcionando uma assimilação da obra com o Instituto. O formato do livro é em A5, folha reciclato que valoriza o acabamento artesanal, preto e branco. O formato é no tamanho 14x21cm. As margens: interna e superior foram usadas 2 cm; externa e inferior 2cm.

Quanto à tipografia, foram utilizadas três fontes: para os títulos Nature Beauty Personal Use; reprográficas: Exo; texto do miolo Rockwell no tamanho 11. O material foi produzido no programa *InDesign*, do pacote Adobe.

6. Análise dos resultados

No fim de uma reunião com nossa orientadora, nossos olhos brilharam, refletindo nossa empolgação e entusiasmo. “Está decidido. Vamos escrever crônicas, então! Acho que vai ser bom, vamos ter mais liberdade para falar sobre o ICSA do nosso ponto de vista e vivências”. Essa foi a primeira certeza que tivemos após um longo processo de pesquisas, escolhas e leituras. Transitamos do gênero reportagem, para a modalidade dos lambe-lambes, pensamos em produzir uma série de mini documentários, até nos encontramos nas crônicas.

Encontramos no gênero o lugar onde nossas observações, admirações, indagações e conflitos puderam ser colocados e futuramente compartilhados com pessoas que frequentam, ou não, o ICSA. Pessoas que olham para os mesmos espaços com perspectivas parecidas com as nossas, ou totalmente contrárias. Podemos assim contribuir com a construção de uma memória coletiva, e também apresentar, a partir do nosso lugar, o imaginário do Instituto.

No processo de produção do livro, conseguimos a melhora de nossa escrita, saímos do lugar comum e clichê e colocamos nossa emoção e percepções individuais nos textos, ampliando a escrita jornalística que aprendemos nesses 4 anos de curso. O processo de realização das crônicas nos fez parar para enxergar, ouvir, perceber e interpretar os acontecimentos cotidianos do Instituto. E claro, contar sobre nossas vivências e percepções.

As primeiras crônicas foram as mais difíceis. Ainda com a escrita jornalística nas pontas dos dedos, não nos lembrávamos o que era colocar um toque literário na realidade. A descrição dos fatos foi, aos poucos, sendo substituída pelo nosso ponto

de vista e pensamentos sobre os assuntos tratados. Nos surpreendemos um pouco mais com cada crônica escrita, pela liberdade e criatividade que o formato comporta. No livro, falamos de muitos temas que vivenciamos e discutimos com nossos colegas de curso. Tivemos a liberdade de colocar um pouco de nós, nossa personalidade, impressões e pensamentos em cada sentença.

Ao conversarmos sobre o início das produções, nos lembramos de medos comuns e frases constantemente repetidas, que demonstravam nossas dúvidas sobre quais temas escreveríamos e a qualidade gramatical dos textos. Esses sentimentos, no decorrer do processo, foram sendo amadurecidos, trabalhados e melhorados.

Os diálogos que continham inseguranças, medos que traziam travas na escrita e repetições de palavras foram diminuindo, dando espaço ao empoderamento. A cada crônica corrigida com sucesso, após algumas revisões, nos sentíamos incentivadas a continuar escrevendo.

A ideia do nosso produto para TCC ser sobre o ICSA veio da vontade de deixarmos algo para esse Instituto que tanto nos agregou, para além da formação profissional. Mas também de provarmos, por meios de relatos, histórias e narrativas, a significância que o ensino superior público contém na construção de profissionais e aperfeiçoamento de pessoas. De provarmos a necessidade do ensino libertário e emancipador, e o seu valor para a sociedade.

No Instituto, crescemos e aprendemos a ver o mundo de uma forma crítica, ajustamos nossos olhares para múltiplas possibilidades, vivências e realidades existentes. Fizemos, frequentando diariamente o Instituto, nossa transição da adolescência para a fase adulta. E não há lugar melhor para crescer que aqui dentro. Nesse processo, desconstruímos a nós mesmas e construímos várias e várias vezes.

Também foi nesse espaço que quebramos a cara, engolimos o ego, aprendemos sobre privilégios, feminismo, questões raciais e sociais. Onde muitos medos foram superados, amizades foram feitas e desfeitas, corações foram partidos e reconquistados, transtornos psicológicos foram vivenciados e muitas dificuldades foram contornadas. Todas essas intensas experiências foram vividas, desenroladas e divididas com o ICSA que existe por trás das cortinas de aulas, seminários e demais atividades acadêmicas.

Queríamos retratar o ICSA para além do Institucional, nossa ideia era justamente mostrar, por meio de um produto, como esse lugar permite o crescimento e amadurecimento pessoal daqueles que o frequentam. Como é um espaço livre para

debates e aprendizados, como ele soma na vida dos seus estudantes, professores, técnicos e funcionários.

Ao terminarmos esse produto, sentimos gratidão ao curso de Jornalismo da UFOP por nos proporcionar a oportunidade de produzir um TCC alternativo à monografia. Pudemos colocar em prática o que aprendemos em disciplinas teóricas sobre escrita, e nos sentimos mais capazes de assumirmos a profissão de jornalistas. Ainda temos muito o que aprender e melhorar, mas o orgulho que sentimos ao finalizar esse livro é imenso.

Tínhamos muitas expectativas no início da produção, como sensibilizar os leitores sobre a importância do Instituto para a construção profissional e social dos indivíduos; construir uma memória dos momentos vividos no ICSA para além das salas de aulas; e trazer por meio das experiências compartilhadas a importância da Universidade Pública Federal. Não colocamos nos textos apenas o que queríamos, pensamos muitas vezes na angulação ideal, qual tema seria mais relevante para o Instituto, como as pessoas poderiam interpretar.

Não deixamos de falar das tristezas, dos constrangimentos e dos demais tensionamentos que atravessamos ao longo de nossa formação, afinal o ICSA não é o lugar perfeito (até porque nem deve existir tal lugar), mas o espaço é de aprendizado, diversidade e diferenças. Evitamos, assim, uma idealização (somente) positiva do Instituto

“Eu escrevo melhor quando vejo você escrevendo também”, é o que repetíamos semanalmente uma para outra como estratégia de disciplina e forma de aumentar o contato físico, mas principalmente porque um dos resultados dessas escritas foi a consolidação de uma amizade entre futuras jornalistas que crescem juntas. Também, como amigas que acompanharam ao longo de 4 anos o crescimento, amadurecimento e aperfeiçoamento uma da outra. Essa é mais uma prova de que o ICSA é lugar de carinho, que possibilita encontros, a construção de pontes que podem nos levar longe, mas também de colunas fortes, que nos garantem uma boa e duradoura base para os próximos ciclos da vida.

Escolhemos escrever porque temos muitos sentimentos. Escolhemos as crônicas porque desejamos retribuir de maneira simbólica a significância que o Instituto oferece para seus alunos. Fomos recebidas, moldadas, por vezes carregadas pelos profissionais solícitos que diariamente cuidam do lugar e de nós, alunos. E ao final dessa produção, o que esperamos dos leitores é que sintam o mesmo respeito

que aprendemos a ter pela Universidade Pública. Que sintam orgulho do espaço que inspira e incentiva seus alunos. Esperamos que quem passe pelo ICOSA tenha consciência de que o local onde estudam é também palco para empoderamentos, resistência e persistência em muitas circunstâncias.

Que o ensino público gratuito resista e se mantenha forte mesmo em campo minado, e que seus alunos, professores, técnicos, funcionários e a comunidade aprendam a amar e lutar pela educação. Vida Longa ao ICOSA!

7. Referências Bibliográficas

BRUM, Eliane. **Vida de Clichê**. Revista época, 2009. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI89375-15230,00-VIDA+DE+CLICHE.html>. Acesso em 23 de junho de 2019.

DIAFÉRIA, Lourenço. A crônica: algumas considerações em cima do cotidiano. In: PROENÇA FILHO, Domício (Org.). Literatura brasileira: crônica, teatro, crítica. São Paulo: Norte, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Paz e terra, Rio de Janeiro, V.21, 17º Edição, 1987.

MARQUES, A. C. H.; CEPÊDA, V. A. **Um perfil sobre a expansão do ensino superior recente no Brasil:** aspectos democráticos e inclusivos. *Perspectivas*, São Paulo, v.42, p.161-192, jul./dez. 2012.

Ministério da educação (MEC). Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=116:qual-e-a-diferenca-entre-faculda-des-centros-universitarios-e-> . Acesso em 21 de novembro de 2018.

SILVA JÚNIOR, Maurício Guilherme. **Contra a Revolução dos caranguejos.** Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo horizonte, 2012.

SILVA JÚNIOR, Maurício Guilherme. **Carlos Heitor Cony e as crônicas de resistência ao golpe militar de 1964.** Universidade Federal de Minas Gerais, Belo horizonte, 2013.

SAVIANI, Dermeval. **A Expansão do ensino superior no Brasil:** mudanças e continuidades. *Póesis Pedagógica*, Unicamp, V.8, N.2, p.4-17, ago/dez.2010;

SOUZA, Antônio Cândido de Mello. **A vida ao rés do chão.** Wordpress, 1980. Disponível em: <https://avidaaoresdochao.wordpress.com/versao-integral/> . Acesso em 21 de novembro de 2018.

8. Apêndices

Nos tornamos protagonistas

Clara Lemos

Laura Viana

Escrever, para Eliane Brum, é atravessar a rua de si mesmo. Concordamos com Eliane, é um processo difícil, cheio de percalços, mas necessário e transformador. Afinal, somos jornalistas! A escrita é nosso ganha-pão e uma das ferramentas que usamos para mudarmos o mundo a partir do lugar onde estamos. Confrontarmo-nos com uma folha em branco nem sempre é fácil. Às vezes, falta-nos palavras, inspirações, vontade. Ou os demais afazeres da vida pipocam em nossa mente continuamente, sem respeitarem o tempo precioso que esse processo necessita.

Lides, pirâmide invertida, objetividade, clareza e simplicidade. A fórmula de escrita das notícias, aprendida continuamente no curso de Jornalismo, pouco nos serviu para escrevermos as crônicas que compõem o presente livro. As primeiras tentativas saíram permeadas pelos elementos do texto jornalístico que não cabiam aqui. Tivemos, então, que dar *ctrl-A* nos textos e apagá-los, (o que é menos poético do que amassar uma folha de papel e jogá-la no lixo).

A decepção tomou conta. “Então, não escrevo bem?” “O que estou fazendo tentando escrever um livro?”. Sentíamos que esse não era nosso talento e caminho. “O audiovisual ou a fotografia, talvez?”. Foram semanas difíceis. Saíamos das orientações cabisbaixas e, por vários momentos, duvidamos da possibilidade de termos em mãos nossa obra a fim de apresentá-lo como Trabalho de Conclusão de Curso. Buscamos alento uma na outra. Reafirmamos a capacidade da outra várias e várias vezes, mas não dizíamos isso a nós mesmas.

Os dias foram passando e, com eles, os textos deveriam ser escritos. Então, meio desacreditadas de nossa competência, mas sem desistir, costuramos narrativas prestando sempre atenção à forma como eram feitas. Vamos lá! Um parágrafo de cada vez. Pegamos o livro “As cem melhores crônicas brasileiras”, abríamos em qualquer página e mergulhávamos nas histórias reais tão bem contadas em forma de crônicas. Temos liberdade! De escrita, de temas, de modos de contar. Mas a liberdade pode ser assustadora. E se eu realmente não escrever bem? Calma, um parágrafo de cada vez.

Com a constante observação, os temas foram surgindo. Aos poucos, sabíamos sobre o que iríamos escrever. Sem coragem de confrontar a folha em branco nos primeiros dias, pensávamos muito sobre o tema no chuveiro, lavando a louça, enquanto comíamos ou

durante as caminhadas pelas ruas. Finalmente, o medo da página vazia tornava-se menor, sentávamos na frente dela e a encarávamos, como um navegante observa o mar antes de adentrá-lo.

Após longos segundos, os dedos começavam a tilintar as teclas do computador. Um parágrafo, dois, três, quatro... E assim construíamos, em um ou dois dias, nossa obra. Líamos, relíamos, pedíamos a opinião uma da outra, revisávamos e mandávamos para a professora Marta. A expectativa das devolutivas, até o final, era grande. Aos poucos, entendemos o que é uma crônica, e o texto não fugia tanto mais do formato. Algumas com muitas correções, as seguintes com menos; e, com o passar do tempo, o medo diminuiu para dar lugar à confiança.

Também nos tornamos mais atentas. Estar no Icsa era sinônimo de olhar para todos os lados e prestar atenção no que passa despercebido a fim de compor nossos textos. Tornamo-nos personagens, observadoras ou participativas. Ora colocamos um pouco de nós no texto, ora saímos dele para deixar nossos personagens e o instituto brilharem. A cada semana, escrevíamos, revisávamos, corrigíamos. No fim do processo, surpreendemo-nos com nossa realização. Conseguimos, então, escrever o livro. E ficou maior do que o esperado. Ao mesmo tempo, queremos escrever sobre mais assuntos e personagens, mas nos falta tempo.

Na última orientação, emocionamo-nos com a Marta, pois o processo de escrita da obra nos trouxe autoconhecimento e crescimento. Comentamos sobre assuntos que vivemos nesses quatro anos e, finalmente, conseguimos escrever sobre eles. Não apenas pela oportunidade, mas pela maturidade de colocarmos, na escrita, aquilo que mais nos toca.

No processo de produção do livro, assim como a melhora da nossa escrita, também tivemos como resultado nossa aproximação, que já existia, mas que se intensificou na mesma medida em que as crônicas iam sendo feitas. Fizemos dos encontros esporádicos para um café, rituais obrigatórios de debates e escritas conjuntas. As noites de filmes e brigadeiros se tornaram recompensas para cada semana em que as metas de escrita fossem cumpridas. Nos *rolês* de finais de semana, entre os vários mesmos assuntos de anos, encontrávamos, entre uma bebida ou outra, o momento ideal para discutirmos um possível tema, uma dificuldade ou uma pretensão a respeito do TCC. Dessa forma, ao passo que construimos um trabalho, bordamos junto a ele uma amizade, que foi sendo costurada num processo que trouxe aprendizado e respeito.

A ideia do nosso produto para TCC ser sobre o Icsa veio da vontade de deixarmos algo para esse instituto que tanto nos agregou, para além da formação profissional. Nele, progredimos e aprendemos a ver o mundo de uma forma crítica. Fizemos isso frequentando diariamente o local, nossa transição da adolescência para a fase adulta. E não há lugar melhor para crescer do que aqui dentro. Nesse processo, desconstruímos a nós mesmas e construímos várias e várias vezes.

Queríamos retratar o Icsa para além do institucional e das salas de aula. Nossa ideia era justamente mostrar, por meio de um produto, como esse lugar permite o amadurecimento pessoal daqueles que o frequentam. Como é um espaço livre para debates e aprendizados, como ele soma na vida dos seus estudantes, professores, técnicos e funcionários.

Este livro representa muita coisa. É uma realização pessoal de ambas, é o reconhecimento da nossa capacidade. É a esperança de que somos aptas a assumirmos a profissão que escolhemos. E, por último, mas não menos importante, é uma singela contribuição para esse instituto que tanto nos abraçou e que foi pano de fundo dos nossos aprendizados e realizações até aqui. Daqui a cinco ou dez anos, quando pegarmos nosso livro na prateleira de algum lugar onde estivermos, vamos nos lembrar com saudade do que vivemos no Icsa e do que ele nos trouxe e pensaremos em todas as outras pessoas sortudas que vieram depois de nós, que continuarão fazendo e contando a história do instituto.

Esperamos que o ensino público gratuito resista e se mantenha forte mesmo em campo minado e que seus alunos, professores, técnicos, funcionários e a comunidade aprendam a amar e lutar pela educação. Vida longa ao Icsa!

9. Anexos

<http://reuni.mec.gov.br/expansao>

<https://g1.globo.com/bahia/noticia/sancionada-ha-cinco-anos-lei-federal-de-cotas-mulheres-da-a-cara-do-ensino-superior-era-muito-limitado.ghtml>

<https://ufmg.br/comunicacao/noticias/universidades-instituem-foruns-em-defesa-da-educacao-publica-1>
<https://www.hojeemdia.com.br/horizontes/ap%C3%B3s-10-anos-da-cria%C3%A7%C3%A3o-de-cotas-quase-metade-dos-estudantes-da-ufmg-%C3%A9-de-pretos-ou-pardos-1.676935>

<https://drive.google.com/file/d/1n9xSPah6CT0dBXO7wa3pJunHaiEgiubV/view>

